

RACISMO E PARADOXO DA VISIBILIDADE EM *CIDADÃ*, DE CLAUDIA RANKINE

ANDERSON SOARES GOMES*

RESUMO

Este artigo objetiva investigar como a obra *Cidadã: Uma Lírica Americana* (2014), da poeta jamaicana-estadunidense Claudia Rankine, discute questões raciais contemporâneas a partir do que chamamos de “paradoxo da visibilidade” – como a hipervigilância do corpo negro se relaciona à invisibilidade do negro como cidadão. O trabalho terá dois focos de análise: a excessiva fiscalização dos corpos negros e a construção de uma ideia de negritude pela imaginação dos brancos. Assim, pretendemos demonstrar como a obra de Rankine fornece rico material para estudar questões de identidade racial e direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Paradoxo da visibilidade. Poesia. Cidadania. Claudia Rankine.

Desde que foi publicado pela primeira vez em 2014, o livro *Cidadã: uma lírica americana* passou a ocupar um lugar especial na poesia estadunidense contemporânea. Isso se deu, primeiramente, pelas inovações formais da obra em contraponto às estabelecidas convenções reconhecíveis em um texto poético. Em segundo lugar, é um trabalho de extrema relevância histórica para discutir e contextualizar diversos aspectos relacionados às questões raciais nos EUA do século XXI, em especial a violência policial, os estereótipos sobre a negritude e as maneiras pelas quais as pequenas ações do racismo cotidiano se inserem em um contexto sistêmico de discriminação racial.

* Doutor em Letras pela PUC-Rio. Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: anderson.gomes@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8727-4554.

Cidadã é um livro que, nas palavras da própria autora, pode ser chamado de “poética ensaística”, ou então “prosa poética” (Livraria Megafauna, 2023). Trata-se de um conjunto de textos, grande parte deles escritos em prosa, sobre os desafios sociais da população afro-americana na atualidade, sendo o maior de todos o racismo. Esses textos adotam os mais diferentes formatos: desde pequenos contos baseados em histórias reais que narram microagressões cotidianas enfrentadas pela população negra até longos escritos de caráter ensaístico sobre a discriminação sofrida pela tenista Serena Williams. Há também roteiros para videoinstalações do artista John Lucas (marido da poeta), comentários sobre textos de outros autores, além de passagens em versos que se aproximam de um texto poético mais tradicional.

Essa multiplicidade de formas de escrita fez com que a recepção de *Cidadã* pelo público e pela crítica, quando do seu lançamento, tivesse um escopo bastante heterogêneo. Embora a obra seja reconhecida pela crítica literária como um texto poético, algumas publicações e associações de prêmios se questionavam sobre a melhor categoria para o texto de Rankine. O livro, por exemplo, foi a primeira obra de poesia a figurar na prestigiosa lista de *best-sellers* de não-ficção do jornal *The New York Times* (KIRSCH, 2016). Por outro lado, em 2015, *Cidadã* venceu o prêmio de melhor livro na categoria “poesia” do influente *National Book Critics Circle* ao mesmo tempo em que foi indicado na categoria “crítica” (KACHKA, 2015).

Os méritos da contribuição de *Cidadã* para uma ampliação do entendimento sobre a natureza do texto poético dizem respeito não apenas ao texto verbal, mas também ao não-verbal. Isso porque o livro é pontuado por diversas imagens que não apenas servem, às vezes, como suporte e contextualização para o texto escrito, mas que também são parte integral do projeto poético de Rankine. A autora afirmou que seu propósito não é necessariamente que a imagem ilustre o texto verbal ou vice-versa, mas que seja estabelecido um diálogo capaz de expandir as possibilidades de escrita do texto poético (Livraria Megafauna, 2023).

Essa perspectiva arrojada de *Cidadã* com relação aos aspectos formais da poesia contribui com novos instrumentos para que o texto consiga discutir, de forma original e perspicaz, as diferentes nuances de um assunto tão complexo quanto a questão racial nos EUA do século XXI. O livro de Rankine, de certa maneira, informa e é informado por marcantes acontecimentos socio-históricos do país nos últimos anos: os crescentes casos de violência policial contra afro-americanos, o movimento *Black Lives Matter*, a ascensão da extrema-direita e a demonização da Teoria Crítica Racial (*Critical Race Theory*) por parte de influentes grupos conservadores. Mais do que isso, em caso raro para um livro de poesia, *Cidadã* contribuiu para discussões políticas a nível nacional. O exemplo mais explícito e noticiado disso foi em novembro de 2015, “quando uma mulher negra leu a obra como forma de protesto em um comício de Donald Trump – uma clara crítica à retórica excludente do candidato republicano à presidência”¹ (KIRSCH, 2016, traduções nossas).

Grande parte da qualidade do debate sobre a questão racial contemporânea em *Cidadã* se funda em um conceito que este artigo decidiu chamar de “paradoxo da visibilidade”. Em linhas gerais, o paradoxo da visibilidade trata da ideia de que o corpo negro, considerado primitivo e perigoso quando visto pela lente discriminatória da branquitude, precisa estar em um estado de constante vigilância para ser mantido sob controle e fornecer uma ideia de segurança social. Contudo, quanto mais vigiado é o negro, menos ele é considerado um cidadão com seus direitos sociais garantidos. Dessa forma, o negro é sistematicamente observado por uma sociedade controlada por brancos justamente porque sua cidadania é ignorada pelas estruturas de poder. Assim, a hipervisibilidade da negritude, no sentido de que precisa estar sobre contínua fiscalização, tem relação direta com sua invisibilidade quando se trata de direitos humanos.

Este trabalho pretende investigar como *Cidadã* tematiza o paradoxo da visibilidade a partir de dois focos de análise. Primeiramente,

¹ No original: when a black woman read it demonstratively at a Donald Trump rally – a clear rebuke to the Republican presidential candidate’s exclusionary rhetoric.

pretendemos discutir como a vigilância excessiva dos corpos negros está intrinsecamente ligada à persistência de uma atitude racista de grande parte da sociedade estadunidense, tanto em situações triviais que fazem parte do cotidiano quanto em contextos políticos e históricos mais amplos. Em segundo lugar, nossa investigação vai se concentrar em como atitudes discriminatórias de cunho racial são em grande parte resultado da construção de uma ideia de negritude pela imaginação da população branca. Dessa forma, pretendemos demonstrar como a obra de Claudia Rankine constitui um dos textos fundamentais na contemporaneidade para ilustrar questões de identidade racial, cidadania e direitos humanos.

1- “ALGUÉM TORNADA HIPERVISÍVEL”: VIGILÂNCIA E RACISMO

As mais conhecidas e comentadas passagens de *Cidadã* são aquelas no início e no meio da obra. Tratam-se de pequenas narrativas sobre episódios cotidianos de racismo nos quais a própria autora ou conhecidos dela estavam envolvidos. Não é difícil entender porque essas histórias curtas têm tanto impacto sobre grande parte dos leitores: essas “experiências de racismo casual” (JONES, 2017, p. 39) despertam identificação tanto na população negra – que sofre essas chamadas microagressões – quanto na população branca, que se surpreende com pequenos comentários racistas que ela mesma às vezes emite sem saber.

É interessante notar, contudo, que grande parte desses microcontos têm como questão central a vigilância da população negra e sua consequente invisibilidade quando se trata de direitos individuais. Um dos melhores exemplos disso é a história de quando uma pessoa vai ao cinema e recebe a ligação do vizinho, dizendo que há “um homem negro ameaçador” (RANKINE, 2020, p. 23) falando sozinho e rondando sua casa. A pessoa diz que é um amigo que está como babá de seu filho, mas ainda assim o vizinho chama a polícia. Ao ligar para o amigo, este afirma que “se houvesse alguém do lado de fora, ele teria visto, porque ele está lá fora” falando ao telefone (RANKINE, 2020, p. 23). Fica evidente que o tal “negro ameaçador” e o amigo do dono da casa são a mesma pessoa. O final

da história é emblemático para resumir grande parte das discussões sobre vigilância e visibilidade que Rankine desenvolve em *Cidadã*:

Seu amigo está falando com o seu vizinho quando você chega em casa. Os quatro carros da polícia foram embora. Seu vizinho se desculpou com seu amigo e agora está se desculpando com você. Se sentindo responsável pelo que o seu vizinho fez, desajeitada, você diz ao seu amigo que da próxima vez que ele quiser falar no telefone ele deveria ir para o quintal dos fundos. Ele olha para você por um minuto demorado antes de dizer que ele pode falar no telefone onde quiser. Sim, claro, você diz. Sim, é claro. (RANKINE, 2020, p. 23)

Chama a atenção, nesse caso, que a atitude da dona da casa é sugerir para o amigo que uma ação corriqueira como falar ao telefone deve ocorrer longe dos olhos da sociedade, já que até mesmo isso é interpretado como um ato que causa perigo. O entendimento seria de que, como o corpo negro é altamente vigiado, a solução seria escondê-lo para evitar atritos entre a liberdade individual negra e a sensação de segurança branca. Contudo, quando no final do episódio o amigo afirma que ele pode falar ao telefone onde bem entender e a dona da casa concorda com ele, isso indica que ela percebe o quanto a cidadania do negro é condicionada ao olhar de uma sociedade que o vê como risco constante.

É importante ressaltar, como vimos nessa passagem, que a autora narra esses microcontos a partir do uso da segunda pessoa, “você”, o que causa um efeito poético provocador. Primeiramente, porque vai de encontro a um discurso lírico convencional que prioriza o “eu” e as experiências subjetivas como território poético por excelência. E, em segundo lugar, porque estabelece uma forte identificação com o leitor ao instigá-lo a se imaginar naquelas situações. A partir daí, é como se o próprio ato de ler o livro imputasse visibilidade, e a obra atestasse que “você” (o leitor) também faz parte daquelas histórias mesmo que elas não façam necessariamente parte de sua experiência pessoal. Sobre o uso de “você” na obra, a crítica literária Siobhan Phillips afirma:

O pronome paira por entre a particularidade e a generalidade, acusação e identificação [...] “Você” é preciso em suas próprias ambiguidades: “Alguém” daria a ideia de muito distanciamento, de muita justificativa de inocência, enquanto “Eu” presumiria muita assertividade, um sentido de agência impossível. (PHILLIPS, 2015, p. 97, traduções nossas)²

Em vários desses microcontos, o “você”, geralmente relacionado ao indivíduo vítima do racismo cotidiano, é contraposto a um “ele”, que se refere a quem desempenha um ato discriminatório tão sutil que, muitas vezes, nem se dá conta. São nesses episódios com um “você” e “ele” tão marcados que as questões de visibilidade da população negra se tornam ainda mais evidentes. Um bom exemplo é a passagem a seguir:

Na fila da farmácia finalmente é a sua vez, e então não é mais quando ele passa na sua frente e coloca as coisas dele no balcão. A atendente diz, Senhor, ela era a próxima. Quando ele se volta para você ele está surpreso de verdade.

Oh, meu deus, eu não te vi.

Você deve estar com pressa, você sugere.

Não, não, não, eu realmente não vi você.

(RANKINE, 2020, p. 89)

Nesse caso, o “ele” (provavelmente branco) ultrapassa o “você” (certamente negro) na fila da farmácia porque simplesmente não o viu. Se na história mencionada anteriormente o corpo negro era altamente vigiado pois visto como ameaça diante da possibilidade de invadir uma propriedade privada, aqui o corpo negro em um contexto aparentemente

² No original: The pronoun hovers between particularity and generality, accusation and identification (...) “You” is precise in its very ambiguities: “One” would provide too much remove, too much exculpatory diffidence, while “I” would assume too much assertion, too much impossible agency.

seguro (um estabelecimento comercial) não apenas não oferece perigo, como nem mesmo é enxergado. No primeiro caso, o negro como cidadão com direitos de ir e vir não é visto. No segundo, ele não é visto nem como cidadão, nem como indivíduo.

Esses episódios explicitam um dos principais projetos de *Cidadã*, que é desvelar “o racismo como um defeito de visão que se torna um defeito de compreensão” (PHILLIPS, 2015, p. 97)³. O olhar racista de grande parte da sociedade estadunidense contemporânea distorce a maneira que os afro-americanos são percebidos, fazendo com que conceitos como cidadania e negritude, de maneira insidiosa e problemática, sejam vistos como contraditórios. Por outro lado, isso leva a um controle e vigilância cada vez maior do corpo negro, que quanto mais observado se torna, menos visto é. A crueldade cotidiana do racismo torna o negro tão fiscalizado, que ele se torna invisível.

Cidadã vai abordar esse tema de maneira peculiar ao discorrer sobre o comportamento, o desempenho e, especialmente, a percepção do público no que se refere à tenista negra estadunidense Serena Williams. A atleta, considerada uma das maiores profissionais do tênis de todos os tempos, é uma espécie de símbolo que vai personificar várias das questões de visibilidade do corpo negro nos EUA da atualidade. Serena Williams, hoje aposentada, foi uma das personalidades do esporte mais comentadas dos últimos anos, alcançando recordes históricos no tênis e assinando contratos lucrativos. Contudo, nas quadras, muitas vezes atitudes ofensivas ou injustas do público, de árbitros ou de comentaristas foram atribuídas ao fato de ver uma jogadora negra vitoriosa em um esporte de elite – ou seja, atitudes racistas.

A percepção que o grande público tem do tênis, do seu surgimento até hoje, é a de ser um esporte um tanto aristocrático, reservado para um público abastado branco. Embora alguns poucos jogadores não-brancos já tivessem tido destaque nas quadras, é com a chegada (e sucessivas vitórias) das irmãs Serena e Venus Williams que a questão de raça se tornou mais

³ racism as a failure of vision that becomes a failure of understanding.

evidente nesse esporte. No meio de um contexto dominado por brancos, a negritude das irmãs Williams se tornou hipervisível, e, por isso, seu desempenho, suas ações e atitudes passaram a ser hipervigiadas. *Cidadã* traça um fascinante comentário sobre essa situação:

Como o corpo de uma mulher negra, vitoriosa ou derrotada, se parece em um espaço historicamente branco? Serena e sua irmã mais velha Venus Williams fazem lembrar de Zora Neale Hurston “Eu me sinto mais negra quando jogada contra um fundo extremamente branco.” Essa frase tão apropriada, aplicada sobre a tela por Glenn Ligon, que fez um estêncil usando letras de plástico, manchas de pastel oleoso e grafite para transformar palavras em abstrações, parecia um anúncio publicitário para alguns aspectos da vida de todos os corpos negros. (RANKINE, 2020, p. 34)

De acordo com a obra, a situação das irmãs Williams no tênis é comparável à frase de Zora Neale Hurston, autora negra estadunidense do início do século XX. O “fundo extremamente branco” de um esporte elitista faz com que as atletas se tornem “mais negras”, no sentido de que essa diferença racial é moldada não apenas pelo contraste entre seus corpos e o contexto em que estão inseridas, mas também pela visão da branquitude que as torna alvo de constante vigilância. Essa temática se torna ainda mais evidente quando traduzida visualmente pelas artes plásticas, como na tela do artista Glenn Ligon mencionada na passagem. Essa obra é reproduzida integralmente nas páginas de *Cidadã*, compondo visualmente o texto poético. A imagem retrata artisticamente a frase de Hurston (no original em inglês) repetida várias vezes, com letras de cor negra frente a um fundo branco. À medida que as palavras se sucedem, elas vão se tornando menos legíveis, configurando abstrações de cor negra que ocupam gradativamente o espaço branco. De certa forma, a tela pode ser lida como uma tradução imagética (ou “anúncio publicitário”, como escreveu Rankine) da situação dos corpos negros inseridos em um contexto dominado pela branquitude, como é o caso das irmãs Williams.

Esse caso é emblemático por dois motivos. Em primeiro lugar, ele sintetiza, por meio de uma partida de tênis, as diferentes nuances do paradoxo da visibilidade. A negritude de Williams, em contraste com um “fundo branco” (como demonstrado na tela de Glenn Ligon), salta aos olhos e, impossível de ignorar, se torna hipervisível. Porém, é essa ênfase no aspecto racial da atleta que faz com que a árbitra passe a não ver (ou seja, desconsiderar) as regras justas do esporte quando o que está em questão é a vitória de uma esportista negra. Do mesmo modo, em termos de vivência em sociedade, os direitos civis e humanos de cidadãos negros não são observados (e aqui o verbo “observar” ganha mais de um sentido) quando o corpo negro tem de estar sob constante fiscalização. As afirmações de Williams após a partida de certa forma ecoam a indignação de toda uma população negra que encara atos cotidianos de racismo: “Estou muito furiosa e amargurada agora. Eu me sinto trapaceada. Devo continuar? Eu me sinto roubada” (RANKINE, 2020, p. 36).

O segundo motivo pelo qual o episódio de 2004 envolvendo Serena Williams e a árbitra portuguesa Mariana Alves se tornou célebre foi que ele serviu de motivo para a criação de uma nova tecnologia utilizada no tênis chamada de *Hawk-Eye*. Esse recurso torna possível a confirmação de linhas em uma partida, na qual o árbitro pode ser desafiado por um vídeo em *replay*. O nome da tecnologia, “olho de falcão” em português, atesta como questões de vigilância estão no centro de discussões sobre temas raciais. Por outro lado, o dispositivo serve como tangente para evitar uma discussão mais profunda sobre a arbitrariedade de aplicação de regras no esporte quando os atletas são negros. Como afirma a crítica Katherine Johnston, “‘Hawk-Eye’ é um exemplo clássico de uma resposta tecnológica à discriminação que falha em abordar os preconceitos subjacentes ou as maneiras pelas quais as ‘regras’ são aplicadas de maneira desigual” (JOHNSTON, 2019, p. 348)⁴. De certa forma, é como se fosse necessária uma forma de visualização mais precisa e capaz do que o olho humano para observar uma atleta negra.

⁴ “Hawk-Eye” is a prime example of a technological response to discrimination that fails to address the underlying bias or the ways in which “rules” are enforced unevenly.

Porém, *Cidadã* deixa claro que apenas a tecnologia não é suficiente para tornar mais justa a vivência do negro em sociedade, nem a experiência de Serena Williams em uma quadra de tênis. Em uma partida cinco anos após o episódio com Mariana Alves, em que as jogadas da tenista estão sendo rigorosamente vigiadas pelo *Hawk-Eye*, dessa vez são seus pés o motivo de punição pela arbitragem: “a juíza de linha [...] diz que Serena pisa na linha ao sacar. O quê? [...] Você tá falando sério? Ela fala sério; ela viu uma falta com o pé, uma que ninguém é capaz de identificar apesar dos inúmeros replays” (RANKINE, 2020, p. 38). Nenhum comentarista vê falta no lance, e outros afirmam que mesmo se houvesse, não é o tipo de coisa comumente marcada em uma partida de Grand Slam. O que *Cidadã* parece revelar por meio da descrição desses episódios é que o que está em jogo não é a justiça na aplicação de regras, mas sim a injustiça no olhar sobre o negro. Johnston vai concluir dizendo que

como e quando se aplicam regras – dentro e fora das quadras de tênis, dentro e fora de tribunais – é uma questão de critério e discriminação. Hawk-Eye não ‘retirou o ato de olhar do observador’, ele simplesmente redirecionou a linha de visão para o problema real: o corpo de Williams, sempre já codificado como “chocante” e “culpado” (JOHNSTON, 2019, p. 349)⁵

Diante de um monitoramento desmedido que julga qualquer uma de suas ações por uma lente racializada, muitas vezes o negro prefere passar incólume, se tornar invisível, assim como – considerando o paradoxo da visibilidade – também são invisíveis seus direitos em sociedade. No caso de Serena Williams, isso é ainda mais paradoxal: como pode uma das atletas mais famosas do mundo querer se manter despercebida? No entanto, é isso que ocorre em uma outra partida em que a tenista, considerando estar sendo mais uma vez prejudicada pela árbitra, pergunta a ela: “Você

⁵ How and when rules apply – on and off tennis courts, in and out of legal courts – is a matter of discretion and discrimination. Hawk-Eye didn’t “take the seeing away from the beholder”, it merely redirected the sightline to the real problem: Williams’s body, always already coded as “flagrant” and at “fault”.

não é aquela que me fodeu aqui da outra vez? [...] Sim, foi você. Não olhe pra mim. Sério, nem olhe pra mim. Não olhe para cá. Não olhe para cá” (RANKINE, 2020, p. 42). Incapaz de ter a sua negritude ignorada (e consequentemente, ser vítima da parcialidade do julgamento das regras), ela entende que não ser vista é a melhor maneira de ter sua condição de cidadã e atleta preservadas.

Dessa forma, *Cidadã* traça um fascinante paralelo entre pessoas anônimas e uma estrela do esporte mundial. Tendo em comum a negritude, esses indivíduos têm de enfrentar a incessante vigilância de seus corpos, tido como ameaçadores, ao mesmo tempo em que sofrem diferentes formas de racismo que diminui sua vivência como cidadãos. Todos eles pertencem a um contínuo de indignação “construído através da experiência e da luta diária contra a desumanização, travado na vida de todas pessoas de cor ou pessoas negras, simplesmente por causa da cor da pele” (RANKINE, 2020, p. 32).

2- “É O HOMEM BRANCO QUEM CRIA O HOMEM NEGRO”: A IMAGINAÇÃO DA BRANQUITUDE

Um dos principais argumentos de *Cidadã* é que as representações de casos de racismo, seja nas microagressões cotidianas sofridas por pessoas comuns, seja na aplicação duvidosa de regras esportivas com atletas famosos, são sintomáticas de uma visão discriminatória institucionalizada que leva a grandes decisões sociais e políticas que marginalizam a população negra. Assim sendo, atos corriqueiros de preconceito que parecem ter efeitos apenas no campo individual podem ser lidos como reflexo de uma superestrutura que perdoa e até mesmo valida o racismo em larga escala. Rankine deixou isso claro quando afirmou em uma entrevista:

Eu quis criar uma narrativa que mostrasse que essas microagressões revelam um tipo de posicionamento que permite que as pessoas cheguem então a tribunais do júri, e cheguem ao Senado, e cheguem a carros de polícia, ou à organização de evacuações em New Orleans; que esse posicionamento da imaginação branca está dentro de todas

as pessoas. É assim que nós chegamos a esses grandes momentos. Nós não estamos no mundo de supremacistas brancos autodeclarados. Nós estamos no mundo de americanos médios que possuem essas premissas ou crenças de forma inconsciente. (KACHKA, 2015)⁶

É essa “imaginação branca” que permeia grande parte do arcabouço poético de *Cidadã*. Temos aqui, portanto, uma outra camada do paradoxo da visibilidade: o texto de Rankine explicita que o racismo surge a partir da forma que a branquitude não apenas observa ou vigia o negro, mas também como o imagina.

Alguns episódios de microagressão narrados em *Cidadã* descrevem isso muito bem, especialmente pela forma que os brancos pensam como o negro se encontra em alguma situação de vantagem apenas por ser negro. Alguns exemplos se situam no campo profissional, como quando uma pessoa negra tem de ouvir que ela está sempre de licença no trabalho (RANKINE, 2020, p. 59), mas outras beiram a raia do absurdo, como “quando uma mulher com várias pós-graduações diz, eu não sabia que mulheres negras podiam ter câncer” (RANKINE, 2020, p. 57).

As passagens mais interessantes com relação a esse racismo casual, contudo, são aquelas nas quais as pessoas brancas imaginam o que o negro *não é*, ou seja, uma visão reducionista de todo um grupo racial que limita os lugares onde ele pode estar, as coisas que ele pode fazer, ou ações que ele pode tomar. O seguinte excerto apresenta bem essa problemática:

No fim de uma conversa ao telefone, você diz ao gerente do banco com quem está falando que vai passar no escritório dele para assinar o formulário. Quando você chega e se apresenta, ele solta, eu não sabia que você era negra!

⁶ I wanted to create a narrative that showed that these microaggressions reveal a kind of positioning that allows people then to arrive on juries, and to arrive in the Senate, and to arrive in police cars, or in New Orleans organizing evacuations; that that positioning of the white imagination is inside all people. That’s how we get to those bigger moments. We’re not in the world of self-declared white supremacists. We’re in the world of regular Americans who hold those premises or beliefs unconsciously.

Eu não quis dizer isso, ele diz em seguida.

Em voz alta, você responde.

O quê? ele pergunta.

Você não queria ter dito isso em voz alta.

Sua transação é feita rapidinho depois disso.
(RANKINE, 2020, p. 56)

Nesse contexto, a surpresa do gerente de banco (provavelmente branco) em descobrir que sua cliente é negra deixa entrever uma imaginação não só sobre as maneiras que negros se comportam, mas também os espaços pelos quais eles podem transitar.

Outra passagem ainda mais reveladora é aquela em que uma pessoa negra (sempre identificada com a segunda pessoa “você” no texto) visita uma especialista em tratamento de traumas, branca, pela primeira vez. Quando a paciente entra na casa da terapeuta por um portão lateral, é recebida da seguinte forma:

Quando a porta enfim se abre, a mulher parada nela grita, a plenos pulmões, Vai embora da minha casa! O que você está fazendo no meu quintal? [...] E apesar de você recuar alguns passos, consegue dizer a ela que você tem um horário marcado. Você tem um horário? Ela rosna. Então ela para. Tudo para. Oh, ela diz, e continua, oh sim, tá certo. Eu sinto muito.

(RANKINE, 2020, p. 26)

Em primeiro lugar, fica evidente a ironia da situação em que uma terapeuta especialista em traumas inadvertidamente traumatiza uma paciente ao ter um comportamento racista. Em segundo lugar, chama a atenção que na imaginação branca, uma pessoa negra próxima à porta de uma residência (como ilustrado em passagem que discutimos previamente, em que um vizinho chamou a polícia) só pode indicar a ameaça de uma

possível invasão de propriedade. Para a terapeuta, a ideia de que uma pessoa negra poderia ser uma paciente sua não é plausível – ver um negro na sua porta sem representar perigo para ela é paradoxal.

Cidadã traça uma teia poética em que esses episódios aparentemente triviais fundados por uma idealização racista que a branquitude tem da negritude estão entrelaçados por atitudes discriminatórias avalizadas pelo próprio Estado. Na sociedade estadunidense, as constantes (e descomedidas) revistas policiais a motoristas negros nas estradas, por exemplo, são uma perfeita expressão da institucionalização de um imaginário de marginalização do negro. Em “Abordar-e-revistar”, um roteiro criado para uma videoinstalação, Rankine descreve não apenas a terrível sensação de ser parado pela polícia, mas também representa poeticamente o hediondo ato de perfilamento racial (*racial profiling*):

Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo diante de mim e então a viatura da polícia parou cantando os pneus na minha frente como se montassem um bloqueio. Eram luzes em todo o lugar, uma sirene soando e um rugido alongado. Deita no chão. Deita no chão agora. Então eu soube.

E você não é o cara e ainda assim você bate com a descrição porque existe apenas um cara que é sempre o cara que bate com a descrição.
(RANKINE, 2020, p. 117)

O perfilamento racial consiste na “prática de visar ou parar um indivíduo baseada principalmente em sua raça em vez de uma suspeita individualizada” (WARREN & FARRELL, 2009, p. 1)⁷. Sendo assim, todo negro é potencialmente visto como um criminoso. O excerto ilustra essa prática muito bem quando afirma que, para a polícia, todo homem negro bate com a descrição de um criminoso pois o criminoso sempre é apenas um cara: um negro. A repetição da passagem “E você não é o cara...” ao longo de todo o roteiro poético, inclusive ao final, denota a recorrência

⁷ the practice of targeting or stopping an individual based primarily on his or her race rather than any individualized suspicion.

Em edições subsequentes de *Cidadã*, novos nomes de vítimas de violência policial foram sendo inseridos no texto “Em memória de”, onde o gradual esmaecimento da cor na fonte pode ser interpretado como a morte da população negra, mas também como o próprio apagamento da memória daqueles indivíduos, que vai sendo esquecida à medida que outros casos de brutalidade contra negros vêm à tona. No caso da edição brasileira, publicada em 2020 e de onde a imagem acima foi retirada, nomes mais recentes como Ahmaud Arbery, Breonna Taylor e, especialmente, George Floyd (cujo assassinato covarde por policiais originou intensos protestos nos EUA e no mundo naquele ano) foram adicionados à lista.

Logo acima dos nomes dessas últimas vítimas, encontram-se três versos que de certa forma exprimem a indignação diante desse contexto bárbaro, mas também sugere uma explicação para sua causa:

porque homens brancos não conseguem
policiar sua imaginação
pessoas negras estão morrendo
(RANKINE, 2020, p. 147)

Nessa passagem, *Cidadã* evidencia que há uma relação de causa e efeito entre o racismo inerente na imaginação da branquitude sobre a negritude e as inaceitáveis mortes ocorridas entre a população negra. Chama atenção o uso do verbo “policiar” – sabe-se que em diversos casos, negros são assassinados como vítima de violência policial. No entanto, na perspectiva do poema, é justamente a imaginação branca que precisa ser “policiada”, no sentido de sofrer a mesma fiscalização e controle aos quais os corpos negros são subjugados.

Uma das mais impactantes passagens de *Cidadã*, que não apenas demonstra como a imaginação branca é a base do paradoxo da visibilidade, mas que também ilustra a interrelação entre textos visuais e verbais na obra, é aquela que interpreta um ato atroz que faz parte da história dos EUA: o linchamento. A execução sumária de pessoas negras sem o devido processo legal, especialmente no sul dos EUA, costumava ocorrer de

forma pública e espetaculosa entre o final do século XIX até meados do século XX. Um grupo composto em sua maioria de brancos normalmente tomava a justiça com suas próprias mãos e, baseado apenas em rumores ou acusações muitas vezes infundadas, assassinava pessoas negras de forma brutal, em geral por meio de espancamentos e enforcamento.

Na obra *Diante da dor dos outros* (2003), a filósofa estadunidense Susan Sontag discorre sobre os efeitos de produção de sentido de imagens que retratam cenas de guerra e atos violentos. Dentre tais atos, a autora comenta especificamente sobre os casos de linchamento nos EUA e as fotos resultantes desses episódios:

uma coleção de fotos de negros vítimas de linchamento em cidades pequenas dos Estados Unidos, entre 1890 e 1930 [...] proporcionaram uma experiência dilacerante e reveladora para milhares de pessoas [...]. As fotos de linchamento nos falam sobre a crueldade humana. Sobre a desumanidade. Obrigam-nos a pensar na extensão do mal desencadeado especificamente pelo racismo. Inerente à perpetração desse mal é o desafio de fotografá-lo. As fotos foram tiradas como suvenires e, algumas delas, transformadas em cartões-postais; não poucas mostram espectadores sorridentes, bons cidadãos frequentadores da igreja, como a maioria tinha de ser, posam para uma câmera tendo como pano de fundo um corpo nu, carbonizado e mutilado, que pen-de de uma árvore. (SONTAG, 2003, p. 38)

Nesse trecho, Sontag explica como o ato de linchamento primeiramente se constrói a partir de uma profunda desumanidade, em uma negação do reconhecimento da humanidade do outro. Em segundo lugar, ela explica que o racismo é uma das principais e mais cruéis representações desse senso de desumanidade. E, finalmente, a autora descreve não apenas os executores, mas também os espectadores do linchamento, que posam para a fotografia como se presenciando uma encenação. É interessante que Sontag os define como “bons cidadãos frequentadores da igreja” sem mencionar o fato de que praticamente todos são brancos.

Por meio de uma simples alteração em uma fotografia de linchamento, *Cidadã* propõe uma nova leitura sobre a real natureza desse

espetáculo degradante. A fotografia retrata um linchamento público ocorrido na cidade de Marion, Indiana, em 1930. A foto original mostra um grupo de pessoas brancas observando os corpos de dois homens negros acusados de roubo, estupro e assassinato. As acusações nunca foram provadas e o caso, jamais resolvido. A imagem serviu de inspiração para o poema “Strange Fruit” de Abel Meeropol e que depois se tornou uma célebre canção de protesto na voz de Billie Holiday (VINOPAL, 2020). Em *Cidadã*, porém, a foto é reproduzida com uma modificação significativa: os corpos das vítimas foram removidos digitalmente:



(RANKINE, 2020, p. 103)

A ausência dos corpos imediatamente reduz o efeito espetaculoso da foto, sem um ponto focal macabro que guie o olhar do espectador. Porém, o principal resultado da exclusão dos corpos negros é colocar os corpos brancos em perspectiva: alguns olham de maneira curiosa, outros

sorriem, um homem ao centro aponta para cima. Sem corpos negros para vigiar, a imaginação branca é tornada sem efeito e tem de voltar o olhar para si própria. A imagem desconstrói o paradoxo da visibilidade ao enfatizar não a violência sofrida pela população negra e os supostos motivos para que seja vigiada, mas sim a violência orquestrada pela população branca fundada em um racismo desumanizador.

Na página anterior à imagem, *Cidadã* traça uma espécie de cronologia poética da vivência negra nos Estados Unidos, marcada pela escravidão, pelo racismo institucional, por linchamentos e pelo paradoxo da visibilidade:

Aqueles anos durante e antes de mim e meus irmãos, anos de travessia, *plantation*, migração, de segregação Jim Crow, de pobreza, periferias, perfilamento racial, um em cada três, dois empregos, ei garoto, ei moleque, alguns delitos, acumulam nas horas dentro de nossas vidas onde nós todos somos pegos pendurados, a corda dentro de nós, a árvore dentro de nós, as raízes em nossas entranhas, uma garganta cortada e quando abrimos nossas bocas para falar, flores, só flores, sem lugar para escapar, irmão, querido irmão, aquela tristeza. (RANKINE, 2020, p. 101-102)

Essa passagem pode ser lida como representação de que praticamente toda a vivência do negro nos EUA é moldada a partir do olhar da branquitude sobre ele: primeiro como pessoa escravizada (“anos de travessia, *plantation*”), então como pessoa segregada (“Jim Crow”), depois como vítima de linchamentos (“somos pegos pendurados”) e, na contemporaneidade, como indivíduo vítima de violência constante, seja por meio das microagressões cotidianas, seja por meio da brutalidade policial (“sem lugar para escapar”). Em todos esses contextos, contudo, permanece a ideia de que o negro deve ser vigiado continuamente e, quanto mais observado e fiscalizado, menos reconhecida é sua humanidade e cidadania.

Dessa forma, acreditamos que *Cidadã* é uma das mais ricas e significativas obras poéticas da contemporaneidade devido à sua

abordagem ampla e multifacetada sobre racismo e identidade racial. Por meio da originalidade de sua poética ensaística e do uso inovador de imagens para compor um retrato abrangente de questões de raça nos EUA, a obra expressa com imensa lucidez as maneiras pelas quais questões de visibilidade estão intrinsecamente ligadas aos direitos civis e aos direitos humanos da população negra.

RACISM AND THE PARADOX OF VISIBILITY IN CLAUDIA RANKINE'S CITIZEN

ABSTRACT

This text aims to investigate how the work *Citizen: An American Lyric* (2014), written by the Jamaican-American poet Claudia Rankine, addresses contemporary racial issues considering what we call the paradox of visibility – the way that the hypersurveillance of the black body is linked to the invisibility of the African-American as a citizen. This article will have two focus points: the excessive supervision of black bodies and the construction of an idea of blackness by the imagination of white people. Thus, we intend to demonstrate how Rankine's work provides rich material to study matters racial identity and human rights.

KEYWORDS: racism, paradox of visibility, poetry, citizenship, Claudia Rankine.

EL RACISMO Y LA PARADOJA DE LA VISIBILIDAD CITIZEN, POR CLAUDIA RANKINE

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo investigar cómo la obra *Cidadã: Uma Lírica Americana* (2014), de la poeta jamaicana-estadounidense Claudia Rankine, discute cuestiones raciales contemporáneas a partir de lo que llamamos la paradoja de la visibilidad – cómo la hipervigilancia del cuerpo negro se relaciona con la invisibilidad del negro como ciudadano. La obra tendrá dos focos de análisis: la inspección excesiva de los cuerpos negros y la construcción de una idea de negrura a través de la imaginación de los blancos. Por lo tanto,

pretendemos demostrar cómo el trabajo de Rankine proporciona un material rico para estudiar temas de identidad racial y derechos humanos.

PALABRAS CLAVE: Racismo. Paradoja de la visibilidad. Poesía. Ciudadanía. Claudia Rankine.

REFERÊNCIAS

JOHNSTON K., Katherine J. “Profile Epistemologies, Racializing Surveillance, and Affective Counterstrategies in Claudia Rankine’s *Citizen*”. *Twentieth-Century Literature*, 65 n.4, 2019, p.343-368.

JONES, Shermaine M. “I Can’t Breathe!”: Affective Asphyxia in Claudia Rankine’s *Citizen: an American Lyric*. *South: a Scholarly Journal*, vol.50, no.1, 2017, p.37-45.

KACHKA, Boris. “Claudia Rankine: Serena, Indian Wells, and Race”. *Vulture*, 2015. Disponível em: <https://www.vulture.com/2015/03/claudia-rankine-serena-indian-wells-and-race.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

KIRSCH, Adam. “Lines of resistance”. *Foreign Policy*. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/04/25/when-did-americas-poets-give-up-on-politics-claudia-rankine-wislawa-szymborska/>. Acesso em: 15 maio 2023.

LIVRARIA MEGAFUNA. *Claudia Rankine conversa com Stephanie Borges*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvodcsO4Ks0>. Acesso em: 29 maio 2023.

PHILLIPS, Siobhan. “Change of address: Siobhan Phillips on Claudia Rankine’s *Citizen*”. *Artforum International Magazine*, 2015, p.97-98.

RANKINE, Claudia. *Cidadã: uma lírica americana*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2020.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VINOPAL, Courtney. “How this poet shows the way ‘racism hits the body’”. PBS, 2020. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/arts/how-this-poet-shows-the-way-racism-hits-the-body>. Acesso em: 27 maio 2023.

WARREN, Patricia Y. & FARRELL, Amy. “The Environmental Context of Racial Profiling”. *The American Academy of Political and Social Science*, vol.623, issue 1, 2009, p. 1.

Submetido em 29 de maio de 2023

Aceito em 02 de agosto de 2023

Publicado em 24 de setembro de 2023
